



## O PAPEL DA IMPRENSA NO MATO GROSSO DO SÉCULO XIX.

JOSÉ MILTON ROCHA\*

“O primeiro dever do homem em sociedade he ser útil aos membros dela”.

(Hipólito da Costa, 1808)

**Resumo:** Este texto tem como objetivo trabalhar algumas abordagens sobre o papel da imprensa no Mato Grosso, no século XIX. A partir de referencial teórico que contempla estudos e estudiosos do assunto, o artigo pretende trazer contribuições sobre o processo de formação da sociedade mato-grossense naquele período, tendo como base os periódicos da imprensa oitocentista que circularam em Cuiabá, principalmente. Como esses jornais perceberam e noticiaram os diversos acontecimentos decisivos na construção da história do Estado e da historiografia da própria imprensa mato-grossense. Do seu surgimento a serviço do estado, passando pela transição público-privada, até atingir, de certa forma, a sua autonomia.

**Palavras-chave:** Imprensa, História, Cuiabá, Mato Grosso.

### 1 - Introdução

A história da imprensa no Brasil tem início em 1808, com a circulação do *Correio Braziliense ou Armazém Literário* (Figura 1) editado pelo brasileiro Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça<sup>1</sup>, em Londres, na Inglaterra, e que defendeu fortemente a Independência do Brasil. Tanto assim, que em 1822, depois que o país se separou de Portugal, o periódico deixou de circular. Barbosa Lima Sobrinho<sup>2</sup> que presidiu a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), por três vezes, a última, entre 1960 e 2000, mesmo ano de sua morte, considerava a obra de Hipólito da Costa, uma ação de pioneirismo em prol da Independência não só do Brasil, mas de todas as colônias espanholas na América.

---

\*Doutorando de História no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados, Mato Grosso do Sul, (PPGH-UFGD).

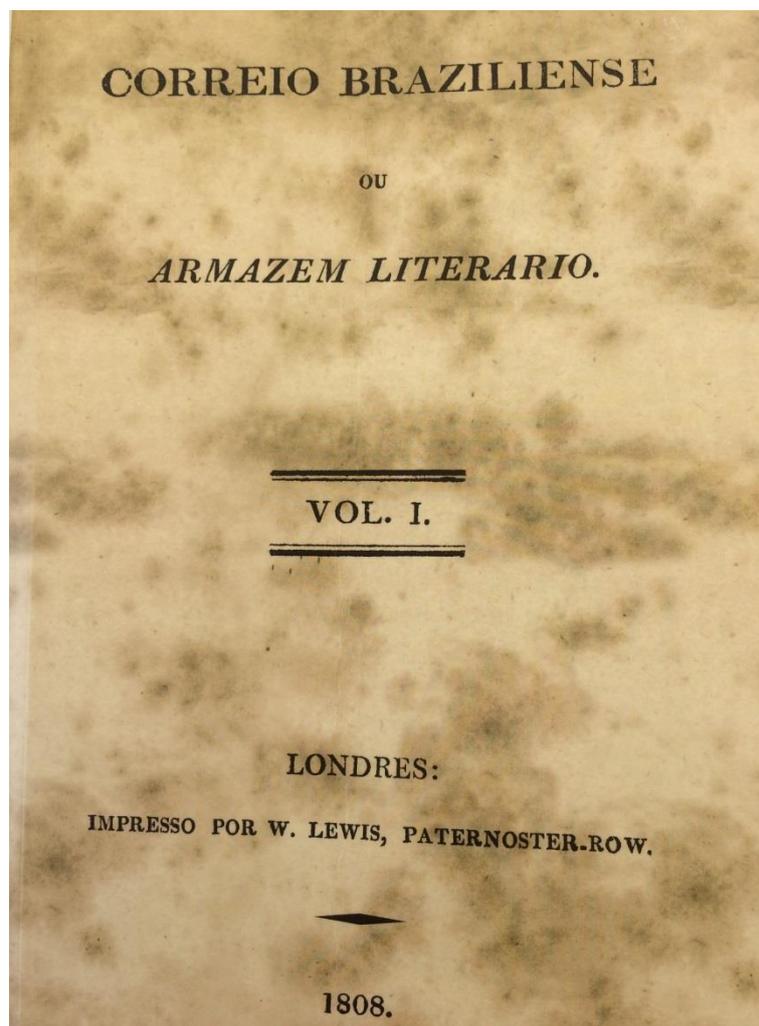
<sup>1</sup> **Hipólito José da Costa** nasceu em 13 de agosto de 1774, na Colônia de Sacramento, à margem do rio da Prata, filho de Félix da Costa Furtado de Mendonça, fluminense de Saquarema. Fez os primeiros estudos em Porto Alegre e formou-se em Coimbra (bacharel em filosofia, Doutor em leis). Morreu aos 49 anos em Londres.

<sup>2</sup> **Alexandre Barbosa Lima Sobrinho** (1897-2000), jornalista, historiador, deputado federal, governador de Pernambuco é considerado um dos maiores especialistas sobre a vida e obra e obra do patriarca da imprensa brasileira.



Embora defensor do regime monarquista, Hipólito lutou também pelo fim da escravidão no Brasil, o que não se deve esquecer, contudo, é que ele era filho da classe dominante brasileira, que mandava seus filhos estudarem na Europa para ter uma boa formação, preparando-os, assim, para assumir cargos de influência na estrutura do poder, quer na área governamental ou, em outros setores da burguesia.

**Figura 1** – Vol. I. do Correio Braziliense – Fac-similar



**Fonte:** Correio Braziliense.

Em 1977, Barbosa Lima Sobrinho publicou uma antologia sobre a obra de Hipólito da Costa, cujo prefácio de autoria do próprio Sobrinho foi utilizado quase na íntegra, na Edição Fac-Similar publicada pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo,



em 2001. O periódico mensário circulou durante 13 anos, perfazendo um total de 29 volumes. A obra se transformou em importante fonte histórica, não só por marcar o início da imprensa brasileira, mas também e, principalmente, por ter papel relevante no preenchimento de uma lacuna da própria historiografia brasileira, conforme Sobrinho. Lembrando ainda que 1808 marca a chegada da Família Real ao Brasil, vinda, fugida da perseguição napoleônica a Portugal.

Como se vê, a imprensa brasileira já nasce de certa forma, um tanto subversiva e, por isso, de oposição, uma vez que o periódico era editado fora do Brasil, devido à censura às letras que imperava na Colônia, tanto assim, que o *Correio Braziliense* entrava no Brasil de forma clandestina. Por outro lado, é importante ressaltar que Hipólito encarnava os ideais iluministas, da racionalidade, surgidos na França, no século anterior, mas ainda em voga no XIX.

É, também, na primeira metade do século XIX, que surgem em Cuiabá, os primeiros periódicos de Mato Grosso, também intensamente envolvidos, com os acontecimentos políticos que marcaram o estado naquele período. Segundo (ZARAMELLA, 2004:1), no ano da chegada da imprensa ao Brasil, a Capitania de Mato Grosso, que era governada por João Carlos Augusto D'Oyenhuasen Gravenburg, tinha dois núcleos habitacionais: Cuiabá e Vila Bela, na época, a Capital, cuja atividade econômica baseada na mineração, que permeava o século XVIII, mas que estava em decadência. No início do século XIX, a economia era baseada na agricultura e pecuária; enquanto a comunicação, por escritos como cartas, relatórios oficiais e relatos diversos, “era restrita à elite dirigente e letrada, e a transmissão das mensagens ocorria por meios precários caminhos por terra interligados pela via fluvial, demorando meses, dependendo do destino”, o que fazia com que as notícias chegassem com bastante atraso.

Mas como a imprensa mato-grossense participa dos movimentos políticos e sociais desta época? Quando ela passa a existir de fato, na Província? De que forma ela atua na sociedade, a serviço de quem e quais interesses ela defende? Esse é o eixo central desse ensaio teórico-referencial, que tem como objetivo promover uma reflexão sobre o processo do nascimento, desenvolvimento e envolvimento da imprensa mato-grossense com as questões de seu povo, no século XIX.



Considerando, todavia, que esse período é marcado por vários movimentos de insatisfação social com os rumos do país. São movimentos sentidos e vivenciados nas mais diversas regiões do país, que passa por um período bastante delicado, conturbado e efervescente de sua história, marcado, notadamente por agitações política e social. Movimentos estes, que são orientados, de acordo com as demandas locais e regionais. É nesse cenário, contudo, que a imprensa amplia sua circulação, com a criação de periódicos em vários centros do país.

Esse trabalho embora não faça parte da pesquisa de doutorado desenvolvida pelo autor - que na verdade, aborda um assunto mais recente, o processo de mudança da mídia douradense, quando a notícia sai do impresso e mergulha no universo da internet, no período entre 1996 e 2012 -, mas resultou de intensos e apaixonados debates, em sala de aula, na disciplina *Tópicos Especiais de Movimentos Sociais e Instituições: Estudos sobre a fronteira oeste: abordagens, perspectivas e fontes (séculos XVIII e XIX)*, no PPGH-UFGD, que me estimularam pelo interesse que o tema despertou trazer a reflexão para este encontro da ANPUH.

De acordo com (WERNECK SODRÉ, 1977:1), em sua obra seminal sobre a história da imprensa brasileira, *História da Imprensa no Brasil*, existe uma “estreita ligação entre o desenvolvimento da imprensa e o desenvolvimento da sociedade capitalista”, em função “do controle dos meios de difusão de ideias e de informações – que se verifica ao longo do desenvolvimento da imprensa, como reflexo do desenvolvimento da imprensa em que aquele está inserido”. A consequência direta desta relação é apontada também por Werneck Sodré, na questão de liberdade de informar e opinar, já que para ele, “só existe imprensa livre quando o povo é livre; imprensa independente, quando o povo é independente – e não há nação verdadeiramente independente em que o seu povo não seja livre” (WERNECK SODRÉ, 1977:9).

Enquanto Barbosa Lima Sobrinho desenvolve uma posição favorável à obra de Hipólito da Costa, Werneck Sodré, ainda que reconheça sua importância, não deixa de tecer críticas, por considerar o *Correio* mais doutrinário que informativo e pela perspectiva de visão do Brasil mostrada mais pelo ângulo externo. Segundo o autor, os grandes problemas brasileiros à época foram por ele tratados muito mais em consonância com as condições internacionais do que para atender as demandas



nacionais. O ano de 1808 marca definitivamente a chegada da imprensa ao Brasil. Três meses após a circulação do *Correio Braziliense*, em setembro de 1822, começa também a circular no Rio de Janeiro, a *Gazeta de Notícias*, considerado o primeiro periódico editado no país, e, logo depois, surgiu, na antiga Capital da Colônia, a Bahia, a *Idade de Ouro do Brasil*, a segunda publicação no Brasil. Esses primeiros periódicos nasceram em decorrência da necessidade da Colônia tentar neutralizar a ação do *Correio Braziliense*, por isso, eles tinham uma característica comum, estavam totalmente a serviço da Corte e não da população, ou seja, eram, na verdade, uma imprensa de cunho oficial.

As historiadoras Ana Maria Martins e Tânia de Luca (2015) também reconhecem a importância da imprensa no processo de desenvolvimento e transformações do país, principalmente, nesse período que marca o início de sua história. Para elas, “a imprensa é, a um só tempo, objeto e sujeito da história brasileira. Tem certidão de nascimento lavrada em 1808, mas também é veículo para a reconstrução do passado”, por que os impressos que circularam nesse período “não só testemunham, registram e veiculam nossa história, mas são parte intrínseca da formação do país”. Ou seja, para elas, a história do Brasil e a da imprensa caminham juntas, “se autoexplicam, alimentam-se reciprocamente, integrando-se num imenso painel. Nesse cenário, muitas vezes, os personagens são exatamente os mesmos, na imprensa, na política e nas instituições” (MARTINS e LUCA, 2015:8).

## **2 - *Matutina Meyapontense*, primeiro periódico a circular em Mato Grosso**

A notícia da Independência do Brasil, ocorrida em setembro de 1822, só chegou à Cuiabá, em janeiro de 1823, quatro meses depois, “num momento político instável, marcado pela duplicidade de poder e de comando motivado pelas disputadas entre Cuiabá e Vila Bela, então sede da Capitania de Mato Grosso” (ZARAMELLA, 2004:1). A primeira Constituição brasileira outorgada pelo Império em 1824 transformou as Capitanias em Províncias, surgindo, porém, a necessidade de tornar público os atos administrativos dos governos locais e, como não havia imprensa em Mato Grosso, os documentos e atos do governo eram publicados, no jornal *Matutina Meyapontense*<sup>3</sup>, da

---

<sup>3</sup> O historiador Thalles Murilo Vaz Costa publicou, em 2016, na Revista da UEG, Anápolis, interessante artigo sobre a *Miscelânea Cuiabanense*, em que trata, o que Zaramella (2004) chamou apenas uma coluna



vizinha Província de Goyaz. Esse jornal era impresso na *Typographia Oliveira*, a primeira do Centro-Oeste do país, de propriedade do Comendador Joaquim Alves de Oliveira, um mecenas das artes e das letras.

Embora não fosse o primeiro periódico impresso na Província, o jornal *Matutina* pode ser considerado o primeiro, a circular em Mato Grosso. Vindo de Goyaz, sua circulação se estendia até Minas Gerais. As notícias mato-grossenses eram publicadas em duas colunas chamadas: *A Província de Mato Grosso* e *Miscelânea Cuiabanense*, segundo. Esse jornal era ligado à Sociedade dos Zelosos da Independência, uma entidade cuiabana que coordenou a Rusga, um dos maiores movimentos políticos, marcado notadamente pela violência, em Cuiabá, no Mato Grosso, ocorrido no período regencial, precisamente, no ano de 1834, por isso, vários autores destacam o papel dele na articulação da revolta mato-grossense.

De acordo com (NICACIO LIMA, 2015) o nome *Matutina* se refere à luz da manhã, que embora tenha pouca clareza, prenuncia o dia. A primeira edição, em 1830, das quase 600 que circularam, em sua longa existência para a época, tinha o texto de abertura escrito pelo proprietário da tipografia na qual era impresso, o Comendador Joaquim Alves de Oliveira um fazendeiro próspero, do Arraial goiano de Meia Ponte (hoje, Pirenópolis). Ele fez questão de escrever o primeiro editorial, explicando a destinação do jornal, que era a publicação de decretos e resoluções da Assembleia Geral, resumos de sessões das Câmaras Legislativas, trechos de discursos de Senadores e Deputados, além de notícias nacionais e internacionais, retiradas de outros periódicos, bem como a publicação de correspondências, que não ferissem as regras editoriais do noticioso. *Matutina* tinha como redator o padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleury, que integrava o grupo de aliados políticos do proprietário do jornal e teria apoiado a Rusga.

### 3 - A Rusga mato-grossense

---

do *Matutina*, de periódico mesmo; considerando, inclusive, o primeiro jornal a circular em Cuyabá, entre 1833-1834. Ele tomou como base, o estudo de Paulo Pitaluga Costa e Silva (2000), *Miscellanea Cuyabanense: o primeiro jornal de Mato Grosso*. Thalles Costa ressalta também a ligação da *Miscelânea* com os grupos políticos denominados “liberais exaltados” que disputavam o poder político com os conservadores, no movimento denominado de Rusga.



A Rusga é um acontecimento tão presente na historiografia mato-grossense, que suscitou e ainda suscita as mais variadas versões de pesquisadores interessados no tema. Valmir Corrêa (2015), por exemplo, se apropria da violência como matriz teórica, embora considere também o contexto político nacional, para explicar o episódio. Para ele, o evento “não foi apenas fruto das contradições existentes na sociedade colonial mato-grossense, mas integrou o amplo contexto da agitação política que caracterizou o Brasil em todo o período regencial”, uma vez que a Rusga “revelou que suas dimensões ultrapassaram os limites de uma refrega política para atingir conotações de uma autêntica rebelião, evidenciando a violência estrutural que se instalou no território” (CORRÊA, 2015:115).

O evento coloca ainda Cuiabá definitivamente, no centro do palco das ações políticas, sociais e culturais da Província, até então divididas com Vila Bela. Para Corrêa (2015), o movimento estava ligado principalmente aos interesses da elite nativista que via nos portugueses seus principais adversários, e ele explode quando os nativistas perceberam que teria o apoio das camadas inferiores da população.

De fato, a Rebelião Cuiabana eclodiu quando os líderes nativistas obtiveram o apoio das camadas menos privilegiadas, dos pobres, dos soldados e de vagabundos, manipulados como uma força de manobra avassaladora, para uma tomada de poder em Mato Grosso. Nesse contexto, a relação entre a miséria e a violência do cotidiano, o ódio contra os portugueses controladores de preços e monopolizadores do abastecimento interno, e a possibilidade do povo usufruir de benefícios materiais imediatos, "hua vez que Offerecia do saque a casa de cada hu delles" (ATA do Conselho do Governo, Cuiabá, 9 de março de 1838), foram fatores impulsionadores da sua participação na luta contra o grupo dominante local. (CORRÊA, 2015:119).

Como se vê, o autor interpreta o episódio, como uma demonstração de que, pelo menos, um pequeno grupo de nativistas queria vingar os abusos praticados pelos portugueses, por isso planejaram a rebelião, que não se configura como luta de classe. Embora não cite nominalmente a participação da imprensa no evento, Corrêa afirma, contudo que o Conselho do Governo foi alertado por um pasquim sobre a possibilidade do levante, o que demonstra a participação da imprensa na Rusga.



Nicacio Lima (2016), autor de extensa e mais recente pesquisa (Doutorado) sobre a rebelião, afirma que a Rusga tinha como principal objetivo assassinar os homens nascidos em Portugal residentes na Província. Ele se refere assim à noite do desfecho.

A matança iniciada naquela noite resultou na extinção dos homens nascidos em Portugal da província, como também tirou do jogo político quase todos os líderes atuantes até então, além de muitos personagens de menor destaque. Toda uma geração de cidadãos estabelecida em Cuiabá – aquela geração que viveu intensamente a construção do Estado nacional brasileiro e de seu regime político liberal -, foi duramente impactada pelo massacre e por seus desdobramentos. Mesmo o principal responsável por debelar o movimento acabou assassinado e seus herdeiros permaneceram atormentados pela acusação de que o vice-presidente João Poupino Caldas era, na verdade, um dos criminosos, e que a atuação como repressor apenas adicionou a suas culpas e desonra da traição a antigos companheiros. (NICACIO LIMA, 2016: 10-11).

O autor destaca também o papel da imprensa no episódio. O movimento teve início na noite de 30 de maio de 1834 e só foi totalmente debelado, cerca de três, quatro anos, depois. Para o autor, que usou o periódico *Matutina* como fonte de seu estudo, a imprensa teve papel preponderante na Rebelião, pois foi um dos canais de debates da questão, pelas lideranças que polarizaram seus discursos. Ele ressalta a presença da imprensa livre em Mato Grosso, a partir do período regencial, como um dos segmentos de uma sociedade civil, que começava a se organizar e se institucionalizar. Ao se referir à *Matutina*, Nicacio Lima afirma que em suas primeiras 200 edições, o periódico republicou artigos de 30 periódicos diferentes de sete províncias brasileiras, o que demonstra a articulação que o jornal mantinha com a imprensa de outros centros como Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e até do exterior.

#### **4 - Nascimento da imprensa mato-grossense**

O primeiro jornal genuinamente mato-grossense nasceu em Cuiabá e se chamou *Themis mato-grossense* (Figura 2) e foi lançado no dia 14 de agosto de 1839, com quatro páginas, o jornal era impresso em papel almaço com o formato próximo de um tabloide atual, segundo a jornalista Sônia Zaramella (2004). O jornal que circulava às quartas-feiras, era impresso na *Tipographia Provincial*, que embora tenha sido



comprada com dinheiro arrecadado junto à população de Cuyabá, na época com uma população, estimada em 12 mil habitantes, sofria o controle do Governo da Província, presidida por Estevão Ribeiro Rezende. O jornal era destinado a transcrever e publicar apenas os atos oficiais da Província, mas por divergências políticas e limitação orçamentária, ele teve vida curta, deixando de circular em 1840. Nem por isso deixou de ter importância na historiografia da mídia mato-grossense, na visão de historiadores, porque a presença da *Tipographia Provincial* possibilitava a edição de outros periódicos. Já em 1842 surgia o *Cuyabano Official*, que um ano depois teve o nome mudado para apenas Cuyabano, circulou até 1845.

Figura 2 – Primeiro jornal impresso em MT



Fonte: Artigo de Sônia Zaramella

De acordo com (ZARAMELLA, 2004:10), passados dois anos da extinção do *Cuyabano*, já no governo do Tenente Coronel Ricardo José Gomes Jardim, em 1847, a *Tipographia* publica o jornal *Gazeta Cuyabana*, agora, um periódico circulando dois



dias por semana, às quartas e sábados. O jornal tinha o formato parecido com o do *Themis*, mas uma linha editorial mais aberta. Além dos atos oficiais, o jornal publicava também, textos variados e mais informativos e não tinha os atrasos de meses em relação aos periódicos anteriores. O periódico publicava em sua primeira página “informações de serviço, tais como as fases da lua e a partida dos Correios, relacionando datas, trajetos e destinos”. Mas em 1848, a *Typographia Provincial* é vendida em leilão publico a José Leite Penteado, a despeito da reação negativa daqueles que haviam contribuído para aquisição dela pelo governo da Província.

Agora, com a tipografia particular, é lançado o primeiro jornal particular de Mato Grosso, denominado de *Echo Cuyabano*, em 2 de setembro de 1848, mas a circulação dele durou apenas dois meses, sendo relançado em 23 de fevereiro de 1850. A imprensa privada marca também, o início da venda de espaço no jornal, pois o governo, agora, tinha que pagar para publicar seus atos e leis. Em maio de 1857 surge outro jornal em Cuyabá, o *Noticiador Cuiabano*, impresso na gráfica de propriedade de José Delfino de Almeida e Companhia, com circulação semanal. Em 1859 surge o jornal *Imprensa de Cuyabá*, considerado o primeiro, de oposição ao governo em Mato Grosso.

Esse jornal marca definitivamente o período da imprensa oposicionista ao governo, tanto assim, que suas pesadas críticas à administração custou a demissão do Presidente da Província, Antônio Pedro de Alencastro. Outro aspecto interessante era a publicação de anúncios, inclusive de compra e venda de escravos, aluguel de imóveis, venda de bilhetes de espetáculos teatrais etc. Historiadores destacam também a contribuição histórica a Mato Grosso desse periódico, uma vez que ele noticiou vários aspectos do conflito que ficou conhecido como a Guerra da Tríplice aliança, que envolveu Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai.

A partir do término do conflito com o Paraguai, com o incremento da economia ganho pela Província em função da navegação, é observada também repercussão no setor da imprensa, já que surgem, nesse período novos jornais como *A Voz da Verdade*, o *Cuiabano*, *Tributo às Letras*, *A Matraca*, *O Popular*, *Boletim de Mato Grosso* (ex *Imprensa de Cuyabá*), *A Situação*, *A Independência*, *Primeiro de Março*, *O Liberal*, *Filha do Povo*, *O Porvir*, *A Província de Matto Grosso*, *O Povo*, *O Expectador*,



*Corumbaense, O Argos, O Pirilampo, A República, Locomotiva, A Brisa e o Atleta, A Liça, A Tribuna, A Gazeta, O Liceunista, O Atalaia, Oásis.*

Em outro trabalho de folego sobre a imprensa mato-grossense, nos séculos XIX e XX, (NADAF, 2002:13), encontra no rodapé das páginas de 35 desses periódicos, a literatura, em folhetim. Jornais estes, que circularam nas cidades de Cuiabá, Corumbá (hoje Mato Grosso do Sul), Cáceres e Poconé. Ela destaca que o folhetim nasceu na França no Século XIX, publicando escritos diversos com fins de entretenimento, mas que viria a se consolidar, tornando-se “imprescindível à imprensa francesa e irradiou para outras geografias somente depois do aparecimento do romance-folhetim, no final do terceiro decênio do século citado”. Outro aspecto interessante desse estudo é a identificação do quantitativo de periódicos que circularam no Mato Grosso, nos séculos XIX e XX, 347, segundo levantamento do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional, da Universidade Federal de Mato Grosso. Foi esse material que envolveu também, revistas, que deu base à pesquisa de (NADAF, 2002), que considera o *Themis* também, como o primeiro jornal mato-grossense.

## **5 – Considerações gerais**

Pode-se dizer que, a partir do cenário exposto, que com a chegada dos jornais particulares e a disputa pela publicidade, a imprensa mato-grossense se expandiu e se fortaleceu, criando sua própria identidade ao estabelecer seu envolvimento com a defesa de causas políticas e sociais da sociedade. Na segunda metade do século XIX, ela chega também a Corumbá, quando são lançados em 1878, três jornais: *A Opinião*, voltado para notícias e a literatura; *A Tesoura*, apresentado neutralidade em relação aos partidos políticos e, *O Iniciador*, voltado para assuntos comerciais e literários.

A Proclamação da República foi outro acontecimento, que mobilizou a imprensa, embora inicialmente tenha sido recebida pelos mato-grossenses com certa normalidade, num segundo momento, porém, começou a mobilizar os grupos políticos que passaram a lutar pelo poder no estado. Ao analisar o uso da imprensa por esses grupos políticos, a historiadora (GILMARA FRANCO, 2013:1) percebe nas manchetes



dos jornais o entusiasmo que mobilizou esses embates e construiu “um cenário complexo em que ocorreram inúmeras composições, recomposições e disputas por espaços de poder”, nesses primeiros anos do novo regime, marcado por embates pelo controle político em todas as esferas da sociedade.

A configuração do novo cenário político passa pela extinção dos partidos imperiais e criação de novos partidos políticos, na Era Republicana e, marca também, a partidarização dos jornais, que se atrelam a organizações partidárias. No entendimento da autora, esse comportamento caracteriza os veículos como uma pequena imprensa que, devido às limitações econômicas regionais, ainda não dispõe de parques gráficos, ao contrário de outros centros urbanos do país, a consequência direta dessa situação é que os jornais não noticiavam, mas produziam fatos (LUSTOSA, 2000).

O início do século XIX, marca a chegada da imprensa impressa em Mato Grosso. Podemos perceber a circulação de mais de 40 periódicos, entre 1830 a 1889, sendo mais de 30 deles em Cuyabá. Ligados aos mais diversos segmentos da sociedade, esses periódicos se dedicaram aos mais variados temas desde a informação em geral, aos assuntos políticos, a literatura, teatro, ciência, religião e recreação. Registraram e se envolveram direta ou indiretamente nas transformações pelas quais a sociedade passou ao longo do período, cumprindo seu papel de informar e oferecer elementos para a compreensão da história do povo mato-grossense, pois como ressalta Lucas Vieira (2010) “a imprensa é linguagem característica do social, detém uma historicidade e especialidades próprias, e requer ser trabalhada e empreendida como tal, desvendando, a cada momento, as relações imprensa/sociedade” (VIEIRA, 2010:).

Como podemos perceber pelo exposto, mesmo, considerada pequena e insipiente, a imprensa desse período mostrou os mais variados e diversificados aspectos e contextos da sua atuação, na construção da história do povo mato-grossense, num viés em que ora ela é apresentada como fonte, ora, como objeto da pesquisa.

## **6 - Referências bibliográficas**



CORRÊA, Valmir Batista. **Rebeldia em Cuiabá em 1834**: a violência como matriz para compreensão da história regional. In: SENA, Ernesto Cerveira de; PERARO, Maria Ademir (Org.). *Rusga uma rebelião no sertão: Mato grosso no Período Regencial (1831-1840)*. Cuiabá, MT: EdUFMT, 2015.

COSTA, Hipólito José da. **Correio Braziliense**, ou, Armazém literário, Edição fac-similar. São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado; Brasília, DF: Correio Braziliense, 2001.

COSTA, Thalles Murilo Vaz. **Miscellania Cuyabanense**: radicalismo e federalismo da província de mato Grosso (1833-1834). *Rev. Hist. UEG - Anápolis*, v.5, n.1, p. 37-54, jan./jul. 2016. Disponível em: <http://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/viewFile/4844/3422>. Acesso em 10.01.2017.

FRANCO, Yoshihara Gilmara. **Pelas páginas dos jornais**: a imprensa e os embates pelo poder em Mato Grosso após a Proclamação da República. Artigo apresentado no XXVII da ANPUH, em Natal, RN, em 2013. Disponível em: [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1370991813\\_ARQUIVO\\_ArtigoAnpuh2013corrigido.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1370991813_ARQUIVO_ArtigoAnpuh2013corrigido.pdf). Acesso em: 15.12.2016.

LIMA, André Nicacio. **Rusga**: participação política, debate público e mobilizações armadas na periferia do Império (Província de Mato Grosso, 1821-1834). Tese de Doutorado defendida na USP, em 2016. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-04102016-130459/pt-br.php>. Acesso em: 05.01.2017.

LUSTOSA, Isabel. **Insultos Impressos**. A guerra da Independência (1821-1823). São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2000.

NADAF, Yasmin Jamil. **Rodapé das miscelâneas – o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX)**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

MARTINS, A. L. & DE LUCA, T. R. (Org.) **História da Imprensa no Brasil**, 2.ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

SOBRINHO, Alexandre Barbosa Lima. **Correio Braziliense**, ou, Armazém literário, Edição fac-similar. São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado; Brasília, DF: Correio Braziliense, 2001.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**, 2ª edição. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977.

VIEIRA, Lucas Schuab. **A Imprensa como Fonte para a Pesquisa em História: Teoria e Método**. BOCC, 2010. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/vieira-lucas-2013-imprensa-fonte-pesquisa.pdf>. Acesso em: 10.01.2017.



ZAMARELLA, Sônia. **Jornal em Mato Grosso** – no começo de tudo, a participação popular. Artigo apresentado no GT História da Mídia Impressa, no II Encontro Nacional da ALCAR, em Florianópolis, em 2004. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/2o-encontro-2004-1>. Acesso em 15.12.2016.